

**COMO GERENCIAR OS CONFLITOS CAUSADOS PELA DIVERSIDADE EM
SALA DE AULA? - A VALORIZAÇÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS NO
PROCESSO EDUCACIONAL**

Graciete Henriques dos Santos¹

Centro Paula Souza - Etec Adolpho Berezin

Emilia Gil²

Centro Educacional Sesi

Viviane de Sá Fernocchio³

Secretaria Estadual da Educação - SP

Alessandra Laragnoit Cainé⁴

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Santos

Hirina Priscila da Silva⁵

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Praia Grande

Resumo: O presente trabalho, desenvolvido na pós-graduação EVC oferecido pela USP/Univesp, em 2011, mostra a explanação acerca da diversidade e dos conflitos existentes em sala de aula, originados por diferentes necessidades. Para auxiliar a resolução dos conflitos, elegemos o estudo de caso do “Projeto Assembleia de Classes”, implementado numa escola em Praia Grande/SP, por meio deste pôde-se observar e intermediar tantos dos conflitos já existentes como os advindos das próprias Assembleias. Através do tema proposto pudemos obter resultados significativos, pois a Assembleia incentivou os alunos e professores a pensarem e refletirem sobre mudanças diante de conflitos, privilegiando a construção de valores.

Palavras Chave: conflitos, diversidades, Assembleia de Classe.

¹ E-mail: gracietehs@gmail.com

² E-mail: milaggomes@hotmail.com

³ E-mail: vivifernocchio@yahoo.com.br

⁴ E-mail: alessandracaine@hotmail.com

⁵ E-mail: priscila_hirina@hotmail.com

Introdução

Os conflitos são uma realidade nas relações humanas, pois se originam dos distintos pontos de vista das pessoas, da pluralidade de interesses, necessidades e expectativas, das culturas, da diferença entre as formas de agir e de pensar de cada um dos envolvidos em uma relação interpessoal. Mas esta diversidade não é necessariamente negativa quando, nas relações entre as pessoas, privilegiem-se valores como tolerância, compreensão, respeito, e haja a vontade de negociação por meio de diálogo.

Na escola não é diferente e, conforme estudos recentes na área da Psicologia, por exemplo, os realizados por Genoveva Sastre e Montserrat Moreno, os homens agem movidos por emoção e razão, e, quando há mudanças, surgem os conflitos. Em razão disso, e como há uma quantidade grande de pessoas em formação, alunos e alunas, a escola é um local propício para que situações de conflito apareçam a todo instante.

Para desenvolver nos alunos a prática do diálogo diante de conflitos, a forma escolhida por nossa equipe foi a Assembleia de Classe, pois acreditamos que esta é uma maneira de propor meios de gerenciar os conflitos e, de forma democrática, contribuir para que os alunos elaborem soluções para os problemas apontados como relevantes por eles próprios.

Neste sentido, a Assembleia de Classe permite a aprendizagem emocional de alunos e alunas, tanto quanto a dos adultos que as coordenam, porque, segundo as palavras do professor Ulisses Araújo, a assembleia permite “aprender a dialogar, a construir coletivamente as regras de convívio e a fortalecer o protagonismo das pessoas e dos grupos sociais na construção da democracia e da justiça social [que] é um papel que a escola pode, e deve, exercer na luta de transformação da sociedade” (Araújo, 2004).

Objetivo

O objetivo deste projeto é ampliar um processo educativo que propicie aos alunos a construção de uma qualidade de vida pessoal e social, fomentando a relação interpessoal, a partir do protagonismo do aluno ao exercer um papel como cidadão capaz de gerenciar conflitos existentes no cotidiano.

Como instrumento de estudo, associamos a nossa pesquisa ao Projeto Assembleia de Classe em uma escola do município de Praia Grande, cujo intuito é trabalhar a cidadania. A partir das implicações surgidas dentro das assembleias pretendemos gerenciar os conflitos da sala e propor caminhos para suas resoluções.

Revisão da bibliografia sobre o tema de pesquisa

O ser humano está em constante transformação porque ele não vive isolado, a sociedade, e as relações interpessoais influenciam suas ideias, que, por sua vez, podem provocar mudanças de comportamento. Em algumas circunstâncias, essa conduta, refratária à estagnação, desagrada às pessoas com as quais nós nos relacionamos com mais frequência, pois elas podem não concordar com nossos atos.

Para que um conflito não ultrapasse o razoável, alcançando graus de violência inaceitáveis para o convívio social, é preciso a mediação. Na sala de aula, é o professor que assume a responsabilidade de tornar os conflitos objetos de aprendizagem, para que os alunos pensem a respeito de seus atos e proponham possíveis soluções para os conflitos. Como um objeto de aprendizagem, o conflito possibilita que os alunos e as alunas analisem a causa e a manifestação, separando-as de tal maneira que isso permita a elaboração de uma boa solução, isto é, que os estudantes aprendam que “uma boa solução é a que cria as condições necessárias para que o conflito não volte a acontecer; [que] tenham em mente que as soluções devem ser justas” (Sastre & Moreno, 2002).

No entanto, para que este aprendizado de fato ocorra, cabe ao professor elaborar e implementar estratégias que tornem evidentes aos alunos que nas relações interpessoais não é possível separar razão e emoção, pois o que para uma pessoa é relevante pode não ser para outra. Tal complexidade é própria das relações interpessoais e não deve ser escamoteada pelo professor, uma vez que a diversidade de sentimentos, argumentos e opiniões advém da formação de cada ser humano, por imitação de exemplos vistos na família, na escola ou na mídia. O professor, portanto, precisa ocupar-se da ética e da afetividade, suprimindo a carência curricular porque a emoção é menosprezada, dando-se ênfase aos conteúdos ligados à razão.

É preciso, no entanto, que haja a aprendizagem das competências necessárias para que os alunos saibam lidar com as emoções, aprendam a ouvir o outro e a dizer o que pensam sem dubiedade, mantendo o controle emocional, o que permitirá o compartilhamento das expectativas e levará à conscientização de que os desejos influenciam as relações interpessoais. À vista disso, a escola será o espaço democrático e transformador, para um aprendizado humanista, quando, efetivamente, a resolução de conflitos não apenas se restringir à diferenciação de causas, consequências e soluções, considerando-se que é imaginável construir um ambiente em que as ações autônomas das pessoas sejam não-sexistas, não-racistas, não-violentas, e que é possível elaborar diferentes soluções para um mesmo conflito, buscando-se a aplicação mais adequada.

O princípio da equidade, também precisa ser ensinado aos alunos, para que eles possam assumir a empatia, isto é, conheçam a perspectiva da outra pessoa sem querer ocupar o lugar dela. O que permitirá analisar o conflito de vários pontos de vista, pois é:

pela diversidade nas crenças, nos valores e na cultura – diversidade esta que constitui a riqueza da natureza e dos agrupamentos humanos –, [que] o conflito é algo inerente em nossas vidas. (...) O desafio a ser encarado nos espaços públicos [portanto] é a aprendizagem de saber lidar com as diferenças e aproveitá-las como matéria-prima para o desenvolvimento pessoal e o coletivo. (Araújo, 2004).

Ressalte-se que, na sala de aula, é o protagonismo juvenil que tornará a mediação dos conflitos de uma Assembleia de Classe uma ferramenta cujo fim seja a educação para a democracia e para a cidadania, e em que a afetividade, a criticidade e a autonomia não estejam dissociadas.

Metodologia

A pesquisa terá como base a explanação dos conflitos envolvendo a diversidade existente em sala de aula, com o propósito de buscar possíveis soluções e propiciar um espaço colaborativo e democrático. O método usado para trabalhar a temática proposta foi a implantação da Assembleia de Classe, a qual tivemos conhecimento a partir de um vídeo organizado pelo professor Ulisses Araújo sobre assembleias escolares.

Nosso projeto foi aplicado em uma unidade escolar do município de Praia Grande, sendo que esta escola atende 1.400 alunos do Ensino Fundamental I e II. A mesma possui três turnos para atender a demanda da comunidade. A professora Viviane, que faz parte da equipe, ministrava aulas nesta escola à época, facilitando assim nossa pesquisa prática. O projeto começou na escola em setembro de 2011. A comunidade escolar é bastante carente e flutuante. Também há o atendimento de crianças que moram no abrigo da cidade.

Foram acordados entre os professores da escola critérios para o bom gerenciamento da assembleia: desenvolvê-la em caráter experimental a cada 15 dias; ter a participação da ATP e da Pedagoga Comunitária (se possível) durante a discussão com os alunos (resolução de conflitos).

Para o estudo de caso que compreende este projeto, escolhemos a turma 8º ano desta escola, a qual a professora Viviane é coordenadora e por esta razão ficou responsável pela condução e mediação da atividade com a turma. Composta por 32 alunos (16 meninos e 16 meninas) é uma classe que apresenta conflitos como: indisciplina e falta de comprometimento com o estudo, porém uma classe que não manifesta resistência à mudança.

Antes da implementação da Assembleia foram desenvolvidas práticas de sociabilização que visaram expor a dinâmica do projeto aos alunos, iniciando com uma oficina. Primeiramente realizou-se uma visão geral do que se constitui a assembleia e posteriormente estabeleceu-se o método pelo qual os alunos externariam suas críticas e/ou elogios (foi adotado um formulário denominado pelos alunos de ‘folhinha’).

Com o desenvolvimento das Assembleias, outras estratégias foram contempladas para intervenção no processo de aplicação do projeto. Ao final das discussões ocorridas nas Assembleias, realizou-se um questionário aplicado para os alunos e, nesta perspectiva buscamos identificar as opiniões dos educandos. Os dados foram tabulados e as informações organizadas em forma de gráficos.

Análise dos dados

Oficina

Como primeiro passo para a realização da Assembleia de Classe ocorreu uma oficina com o tema “Violência”, abordando essa temática de forma ampla, não restringindo apenas para o espaço escolar. Nesta oficina foram projetadas imagens que representavam a violência, na forma de charges. Os alunos divididos em pequenos grupos escreveram o entendimento sobre a imagem projetada. Em sequência aconteceu a socialização de argumentos e reflexões de cada grupo.

Na sequência projetaram-se fotos de sensibilização contendo diversos tipos de violência: doméstica, *bullying*, ambiental, familiar e social. Assim, os alunos individualmente tiveram que escolher uma ou mais imagens e escreveram em uma folha suas emoções e sensações ao estabelecerem uma relação com a imagem exibida.

“Desde pequeno eu via meu pai e minha mãe sempre brigando, eu sofria muito com isso, mas aprendi a não ligar, até chegar uma época que conversei com cada um, e isso resolveu tudo. [...]Hoje eu vejo que aquilo tudo só me deu uma força psicológica a mais e eu desde cedo vivo a pura realidade da vida”. (I.S.)

Nesse momento alguns alunos que se sentiram a vontade expuseram fatos e situações vivenciadas em suas vidas, demonstrando possibilidades para superar esses desafios, manifestando o protagonismo para resolver conflitos. A ATP finalizou a oficina conversando com os alunos acerca da temática proposta com o intuito de reforçar um novo olhar e uma mudança de atitude referente à violência presente no cotidiano.

Primeira Assembleia

No dia 09 de setembro de 2011 foi realizada a “Assembleia de Classe” pela professora Viviane de Língua Portuguesa em que foram discutidos assuntos relacionados ao cotidiano escolar, a fim de solucionar os conflitos, tendo como princípio o protagonismo juvenil. Os assuntos abordados foram: comportamento indevido dos alunos durante a aula; falta de sabonete no banheiro feminino; uso de palavrões em sala de aula; som ambiente durante as aulas; omissão de autoridade referente ao professor e falta de sabonete no banheiro feminino. Cada aluno expôs suas críticas e seus argumentos para cada situação mencionada acima.

Sobre a indisciplina, os alunos em consenso dispuseram a refletir sobre seus atos e chamarem a atenção do colega quando houver xingamentos e palavrões durante a aula, comprometendo-se a melhorarem o comportamento.

O conflito causado pela música se refere a uma determinada professora que utiliza música gospel durante suas aulas, alegando que esta acalma a sala, mas os alunos não estão satisfeitos, embora entendam a ideia da professora, gostariam de trocar o estilo musical que agradasse a todos, ou seja, desejam negociar uma solução como a professora.

Já sobre a omissão de autoridade sobre determinado professor, ocorreu a interferência da professora Viviane questionando a postura dos alunos na aula do professor: qual o papel do aluno em sala de aula? Como o professor pode se sentir em uma sala desorganizada, sem existir respeito? Após refletirem, os alunos admitiram o erro quanto ao comportamento e decidiram falar com o professor para juntos fazerem acordos para melhorar o desenvolvimento das aulas.

A pauta para a Assembleia foi realizada com êxito, existindo a autonomia dos alunos em escolherem representantes para o diálogo com professores e direção, se necessário, e organizar as problematizações durante as próximas Assembleias.

Dinâmica da tristeza

Tendo como principal objetivo buscar atividades que auxiliem no gerenciamento de conflitos em sala de aula, foi oportunizada aos alunos uma dinâmica que oferecesse a possibilidade de encontrar soluções para um problema. Essa dinâmica foi desenvolvida a partir da vídeo-aula da Professora Valéria Arantes da Universidade de São Paulo.

O primeiro momento da atividade, a professora distribuiu uma folha de sulfite para cada aluno e orientou que dobrassem a folha ao meio e de um lado desenhassem uma pessoa

triste ou alguma situação que representasse tristeza e do lado dessa representação explicasse o motivo da tristeza (fotos abaixo).



Ao concluírem a professora pediu que virassem a folha e passando um traço, dividissem a folha em quatro partes. Deste modo, explicou aos alunos que escrevessem quatro possíveis soluções para minimizar a tristeza e sendo assim pudessem resolver aquele conflito.

Ao final da atividade, a professora abriu uma roda de discussão, possibilitando que os alunos que quisessem explicassem suas soluções para resolver a tristeza. Desta forma, eles puderam compreender que certas situações podem ser resolvidas ou ao menos minimizadas. Foi importante o momento da discussão, pois demonstrou o valor de cada aluno e ficou nítida, depois da análise do grupo, a diversidade de sentimentos, emoções e vivências que existem naquela sala de aula.

Segunda Assembleia

No dia 23 de setembro foi realizada uma Assembleia extraordinária devido aos problemas com o sabonete e também a indisciplina em sala de aula, pois os alunos não estavam respeitando os combinados propostos na Assembleia anterior.

No início da Assembleia a professora Viviane lembrou a oficina da violência que já foi descrita anteriormente, onde os alunos puderam refletir sobre os atos ocorridos em relação à indisciplina. Eles tiveram consciência dos seus atos, mas não sugeriram nenhuma proposta para solucionar estes problemas. No decorrer da Assembleia houve a intervenção da Coordenadora e da Diretora para dialogar sobre a indisciplina no uso do banheiro, explicando assim o motivo para não colocar o sabonete líquido no interior do banheiro, deixando-o junto ao bebedouro, o que continuava ofertando condições de higiene.

A escola, portanto, é uma instituição social permeada por agentes que possuem responsabilidades diferentes e, por isso não podem ser tratados como iguais no exercício de suas obrigações. Neste sentido discordamos das propostas educativas que defendem o princípio de que a escola deve ser gerida, exclusivamente, em

função dos interesses da maioria de seus membros: os estudantes. (Araujo, 2004, p. 54-55).

Terceira Assembleia

Aos 04 de novembro ocorreu a terceira Assembleia. Após a análise dos últimos acontecimentos, a equipe optou por uma intervenção, na qual método adotado foi a “Tabela de Combinados e Penalizações”. Esta intervenção do grupo de pesquisa ocorreu para tentar resolver a indisciplina, já que os alunos não estabeleciam um acordo para solucionar o problema, assim procurando mediar os conflitos.

(...) jamais podemos lhes outorgar o direito de estabelecer sanções àqueles que descumpriram uma regra(...) A sanção, quando necessária, deve ser aplicada por quem tem a responsabilidade e a formação profissional para tal. (Araújo, 2004, p. 56).

Partindo desse pressuposto, a professora apresentou a tabela com as novas regras, explicando o motivo dessa ação e também conversou com eles a respeito da hierarquia, explicando seu significado, com o intuito de estabelecer o respeito e a conscientização sobre suas ações. Os alunos de imediato entenderam a explanação e gostaram da tabela, concordando que seria uma maneira de inibir possíveis atos de indisciplina.

A explanação acerca da tabela foi primeiramente mostrar que existiria uma folha contendo o nome de todos os alunos e que cada aluno ganharia 100 pontos. Para estabelecer a pontuação, foram consideradas as seguintes regras: palavrão: perderiam 5 pontos; jogar bolinha: perderiam 10 pontos; ofensas: perderiam 20 pontos; briga na sala ou na escola: perderiam 100 pontos (total da pontuação). Conforme a professora explicava, os alunos levantavam a mão para sugerir outras ocorrências que aconteciam em sala, e desta forma, fazer parte da “Tabela de Combinados e Penalizações”.

Assim, estabelecido o novo método com o intuito de propiciar o melhor convívio da classe, a professora concluiu explicando que essa tabela seria aplicada em todas as matérias, ressaltando que os 100 pontos eram únicos para cada aluno, e ao final do trimestre a professora Viviane iria recolher a tabela de cada professor e atribuir pontuações, que tornariam pontos positivos ou negativos como critério de avaliação.

Quarta Assembleia

Aos 24 dias de novembro ocorreu a quarta e última Assembleia de Classe do ano de 2011. A professora Viviane iniciou a roda de discussões, promovendo uma reflexão acerca

das assembleias desenvolvidas ao decorrer do trimestre. Ocorreu uma retrospectiva, sobre os conflitos discutidos e a experiência em expor opiniões, a fim de buscar meios que possibilitassem a convivência democrática.

A Assembleia foi registrada por meio de fotos e filmagem pelos próprios alunos. O primeiro assunto abordado foi uma crítica, escrita pelo aluno G. em que dizia: “Eu critico o aluno L. pelo o que ele fez com a garrafa da professora”.

Essa crítica foi manifestada pelo ocorrido em um dia anterior, em que o aluno L. cuspiu na água da professora N. quando a mesma saiu da sala por alguns instantes. Ao retornar para a sala de aula, uma aluna chamou a professora contou o que havia acontecido.

A partir dessa manifestação, outros alunos sentiram-se a vontade de concordar com a crítica, e denunciaram a atitude errada do aluno. Em nenhum momento, o nome do aluno foi citado, porém a professora Viviane deixou em aberto à possibilidade do aluno se manifestar e reparar o seu erro, mas não houve essa atitude por parte deste aluno. Em contrapartida o aluno G., que tinha um comportamento inadequado anterior às Assembleias, se manifestou sobre um erro do seu próprio amigo, demonstrando assim sua mudança de atitude.

O segundo momento da Assembleia, a professora Viviane expos os elogios que os alunos escreveram, visto que, neste dia ocorreu uma crítica e nove elogios, número este, demonstrou que a sala de aula não era regida só por momentos conflituosos, mas também, eles já conseguiam perceber mudanças e aspectos positivos na sala de aula.

A tabela de penalizações implantada na Assembleia anterior foi mencionada como aspecto positivo para os alunos, direcionando normas e combinados que promoveram posturas transformadoras e que foram expostas nas ‘folhinhas’.

De modo geral, os alunos elogiaram a melhora de suas atitudes em sala de aula. As ‘folhinhas’ escritas por eles tinham elogios pela iniciativa da Assembleia, demonstrando o quão significativo estava sendo o momento de interação, de diálogo e da conscientização pela cidadania, sendo que alguns leram ou pediram para a professora ler a ‘folhinha’.

“Adorei muito esse trabalho que a professora de Português começou a fazer com a sala. Durante esse tempo a sala mudou muito, principalmente alguns meninos, por exemplo, o G. e outros. Gostei muito desse trabalho e espero que os meninos continuem assim”. (S.R. 8º ano D).

Já ao final da Assembleia, a aluna P. pediu para a professora ler sua folhinha, pois estava emocionada e não conseguiria ler seu elogio. Ao iniciar a leitura, a aluna não conseguiu conter suas lágrimas, pelas palavras que estavam sendo ditas no texto abaixo:

“Eu elogio todos os alunos do 8º ano D, esta sala foi muito especial para mim e eu gostei da melhora que teve alguns alunos, vocês são minha segunda família”.

Outros elogios foram expostos, e assim finalizou a última Assembleia com êxito, propiciando a interação entre todos.

Avaliação Final

Alguns dias após a quarta e última Assembleia do ano, a Professora Viviane aplicou uma pesquisa com 5 questões fechadas, proposta pelo nosso grupo, aos alunos do 8º ano, onde também havia um espaço para a expressão do aluno, sobre o que a Assembleia significou para ele. Através das respostas geramos os seguintes gráficos:

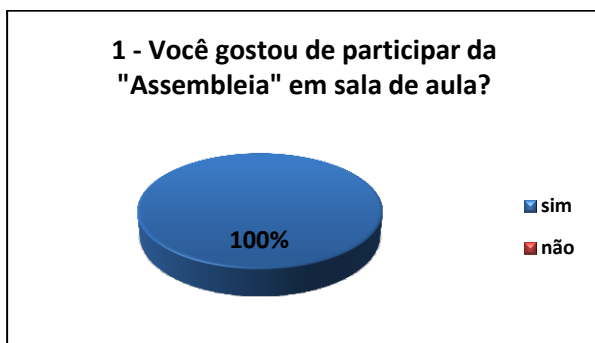


Gráfico 1 – Resultados da primeira pergunta proposta pelo grupo

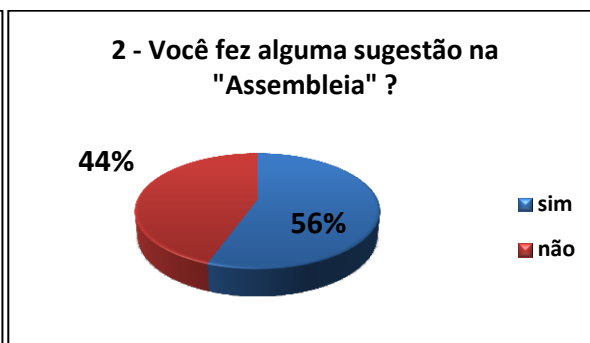


Gráfico 2 - Resultados da segunda pergunta proposta pelo grupo



Gráfico 4 - Resultado da terceira pergunta proposta pelo grupo



Gráfico 3 - Resposta da quarta pergunta proposta pelo grupo



Gráfico 5 - Resposta da quinta pergunta proposta pelo grupo

Os dados nos levam afirmar que existe um consenso que as Assembleias devem continuar (gráfico 5) e que todos gostaram de participar destas (gráfico 1), sendo que tal participação foi considerável porque mais da metade dos alunos pesquisados disseram ter dado sugestões durante as Assembleias – gráfico 2 (56%).

A porcentagem (89%) de respostas positivas à pergunta “A Assembleia mudou alguma coisa na sua vida escolar?” –gráfico 3– indica a necessidade de permitir a participação e o envolvimento dos alunos na organização e na implementação de ações dentro da escola, como protagonistas. Houve também um reflexo na vida pessoal de cada aluno, como apontam os 71% de respostas “sim” à pergunta se houve mudanças “na sua vida em casa” (gráfico 4), o que nos leva a acreditar que, por meio da aprendizagem proporcionada pela Assembleia, o comportamento e o senso crítico podem alterar-se para o benefício de todos.

Portanto, o levantamento dos dados registrados pela pesquisa, deixa claro que ainda não ocorreu a participação de 100% da sala, mas a prática da Assembleia atingiu, ou tocou de alguma forma, a totalidade da classe, afinal todos querem a continuidade desta prática e gostaram de sua aplicação por este período, mesmo que breve.

Outra coisa marcante foi a expressão dos alunos quanto ao significado da Assembleia para eles. Com um espaço específico para tal expressão, tiveram a liberdade de dar sua opinião, seja com texto ou desenho, como os demonstrados nas figuras a seguir

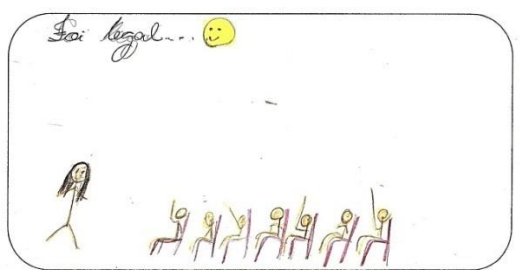


Figura 1- Desenho do aluno G. S. B. do 8º ano

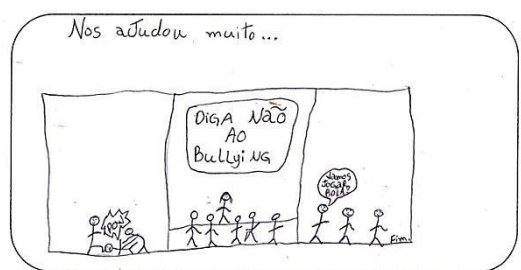


Figura 2- Desenho da aluna A. B. M. do 8º ano

Análises e intervenções do grupo desenvolvedor

Todos os acontecimentos ocorridos em cada Assembleia e também ações que aconteciam na sala do 8º ano durante a semana, a professora Viviane explicava detalhadamente ao grupo de estudo, de forma que todos pudessem conhecer seus alunos e interagirem com o propósito de auxiliar a mediação da professora e garantir a relevância da participação integral.

A primeira Assembleia foi significativa, pois ocorreu primeiramente uma oficina, a fim de discutir assuntos pertinentes ao cotidiano e despertar a participação em expressar suas

opiniões, favorecendo assim o entendimento e interação das Assembleias. O grupo analisou as fotos e as produções realizadas na oficina. Foi sugerido a mediadora conversar primeiro com a professora sobre a questão da música, antes dos alunos explanarem a situação, a fim de deixá-la ciente que o som era uma boa proposta, porém a imposição do estilo musical que estava sendo causadora da crítica, de modo a garantir que ela tivesse uma reação positiva ao escutar seus alunos.

Na segunda Assembleia o grupo focou a atenção para os problemas disciplinares geradores de desmotivação pelos alunos em estudar, a fim de proporcionar um ambiente mais harmonioso, pois com a dinâmica da tristeza, ficou nítido que mesmo os alunos apresentando indisciplina, eram sensíveis no modo de perceber um problema e essa sensibilidade deveria ser trabalhada por meio de conversas e a pertinência do diálogo em todas as ocasiões e não só nas Assembleias marcadas.

Ficou notório também que os alunos, após a iniciação do projeto, ficaram mais questionadores, um aspecto positivo, pois em um curto tempo de implantação da Assembleia, eles já estavam progredindo com relação à manifestação de opiniões. Porém, alguns deles não estavam compreendendo os limites para divergirem, ou seja, não respeitando que existe, tanto na escola como na sociedade, a hierarquia, portanto era importante fazer com que ela fosse respeitada. Assim sugerimos a “Tabela de Combinados e Penalizações”, com base na ideia das leis de trânsito já conhecida pelos alunos e comentada pela mediadora, com pontuação individual.

O objetivo de uma assembleia é discutir princípios, atitudes, e daí construir as regras de regulação coletiva e as propostas de resolução dos problemas. (Araújo, 2004, p. 62).

Já na terceira Assembleia, o grupo analisou as pontuações de cada aluno e discutiu sobre suas mudanças de comportamento e ações para com todos os professores.

Após a última Assembleia, a intervenção do grupo foi criar um questionário, a fim de saber se o método “Assembleia de Classe” organizado para resolver os conflitos e estabelecer um convívio harmonioso entre seus colegas de classe e na vida pessoal tivesse para eles relevância e assim tabular os dados para essa comprovação.

Considerações finais

Conflitos ocasionados pela diversidade são comuns no ambiente escolar, focando este fato apresentamos este trabalho através da escolha de trabalhar com a proposta de Assembleia

de Classes para gerenciar estes conflitos. O breve período em que ocorreu as Assembleias de Classe no 8º ano ocasionou a influência da prática do diálogo e os limites propostos para criar certa disciplina nesta turma, tornando-se uma realidade positiva. Antes das Assembleias, os alunos apresentavam um comportamento que provocava diversos conflitos dentro da sala de aula, tanto que na primeira Assembleia a manifestação de críticas foi alta com relação aos elogios.

Com as intervenções e apoio apresentado pelo grupo desenvolvedor, a Professora Viviane relata aos poucos a mudança na sala e especificamente de alguns alunos, isto ficou claro na última Assembleia, quando o número de elogios aumentou, inclusive a alguns alunos apontados como geradores de conflito. O senso crítico e a avaliação das atitudes de cada um demonstram a relevância da autonomia e consciência do respeito e convivência pacífica, proposta no início do trabalho.

Outra conquista, foi a influência que a prática da Assembleia ocasionou na vida pessoal dos alunos, demonstrada na pesquisa aplicada e mais especificamente em um dos questionários onde a aluna em questão sentiu necessidade de externar sua opinião textualmente, respondendo ao lado da questão 4, “Assembleia mudou algo em sua vida?: “Sim. Converso com meus pais com mais facilidade e eles me compreendem.” (P.C., 8º ano).

Desta forma, apesar do breve espaço de tempo (quatro meses), a prática da Assembleia de Classe demonstrou ser uma ótima solução para gerenciar conflitos gerados pela diversidade em sala de aula, proporcionando assim ao grupo a alegria de ter escolhido um ótimo recurso. A Assembleia não é um recurso milagroso, requer trabalho, sensibilidade e muito diálogo por parte do coordenador das reuniões e de todos os envolvidos, mas apesar de trabalhoso, obteve bons resultados na evolução dos alunos, em suas ações e maneira de refletir.

Dessa forma, fica evidente que conflitos são gerados em todas as situações, e o intuito não era eliminar os conflitos dentro de uma sala de aula, visto que, o propósito de fato, era gerenciar os problemas proporcionados pela riqueza da diversidade que existe no âmbito escolar e propiciar um ambiente democrático, em que os alunos pudessem expor seus sentimentos e serem protagonistas de uma ação, despertando o valor da cidadania.

Referências

Aninger, L. (2011). *Gerenciando Conflitos*. Gestão Educacional. Disponível em <<http://sites.google.com/site/agestaoeducacional/artigos/conflitos>> Acesso em 25/11/2011.

- Araújo, U. F. (2003). *Temas Transversais e a Estratégia de Projetos*. São Paulo: Moderna.
- Araújo, U. F. (2004). *Assembleia Escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo: Moderna.
- Araújo, U. F. (2007). Educação comunitária e a construção de valores de democracia e cidadania. *33^o Annual Conference of the Association form Moral Education*, New York. Disponível em www.each.usp.br/uliarau/textos/PAPERAME2007-def.pdf. Acesso no dia 08/10/11.
- Araújo, U. F. & Puig, J. M. (2007). *Educação e Valores*. São Paulo: Summus.
- Brasil. (2010). *Aluno e professor, como conviver*. In: Caminhos da escola (DVD). Brasília: MEC.
- Brasil. (2005). *Assembleias escolares*. Brasília: TV Escola.
- Fiorelli, J. O. (2008). *Mediação e solução de conflitos*. São Paulo: Atlas, 2008.
- Sastre, G., & Moreno, M. (2002). *Resolução de Conflitos e Aprendizagem Emocional*. São Paulo: Moderna.